

OS LAÇOS SOCIAIS DOS ADOLESCENTES NA PANDEMIA: O QUE MUDOU?¹

Marcela Burjaily Lizardo²
Vera Helena Barbosa Lima³

RESUMO:

O presente artigo norteou-se em indagar a relação entre a adolescência e o seu potencial de formação de laços sociais na contemporaneidade. A partir de uma revisão bibliográfica, aprofundou-se sobre a possibilidade da constituição dos laços sociais ser uma característica relevante para o público adolescente, superando as disposições da Pandemia do Novo Coronavírus (Covid-19) para possíveis consequências no desenvolvimento das relações. Com isso, fora abordado o lugar ocupado pelo adolescente desde a sua historicidade até a sua organização enquanto um segmento que dispõe sobre o laço social separado da infância, da adolescência e do campo adulto. Visto que os diferentes contextos e realidades sociais no Brasil colaboram para que haja distintas maneiras de ser adolescente e formar laço social. Ao discorrer sobre isso, é preciso considerar a pluralidade da adolescência, destacando o crítico contexto pandêmico. Para compreender as mudanças do laço social do adolescente, é também necessário ampliar as possibilidades de transformações do momento vigente. Considera-se a Pandemia como um cenário que invadiu o tempo, o ar, os corpos, as emoções, a vida e com ela, o isolamento social se torna imperativo para toda a sociedade, trazendo consequências culturais, econômicas e políticas para a população mundial. Dessa forma, foi possível perceber que o laço social do adolescente, como possibilidade de muitas mudanças, cria e articula combinações com outros atores sociais para a superação de desafios, contribuindo para a esperança de transformações sociais.

Palavras-chave: Adolescência. Laço Social. Pandemia. Psicanálise. Psicologia.

THE TEENAGER'S SOCIAL TIES IN THE PANDEMIC: WHAT HAS CHANGED?

ABSTRACT:

This article aims to investigate the relationship between the adolescence and its potential to form social bonds in contemporary times. Based on a literature review, it explores the possibility of social ties' constitution being a relevant feature for the adolescent public, surpassing the provisions of the New Coronavirus Pandemic (Covid-19) to possible consequences in the relationships' development. Thus, the place occupied by adolescents from their historicity to their organization as a segment that deals with the social tie detached from childhood, adolescence, and the adult field

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa de Desenvolvimento Humano. Recebido em 17/10/2021 e aprovado, após reformulações, em 29/10/2021.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: marcelaburjaily@hotmail.com

³ Mestre em Psicologia e Psicanálise pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: v.helena.lima@gmail.com

was addressed. Since the different contexts and social realities in Brazil collaborate so that there are different ways of being a teenager and forming a social tie. When discussing this, it is necessary to consider the plurality of adolescence, highlighting the critical pandemic context. To understand the changes in the adolescent's social bond, it is also necessary to expand the possibilities for transformations in the current moment. The Pandemic is considered a scenario that invaded time, air, bodies, emotions, life, and with it, social isolation becomes imperative for the entire society, bringing cultural, economic, and political consequences for the world population. Thus, it was possible to perceive that the adolescent's social bond, as a possibility for many changes, creates and articulates combinations with other social actors to overcome challenges, contributing to the hope of social transformations.

Keywords: Adolescence. Pandemic. Psychoanalysis. Psychology. Social Ties.

1 INTRODUÇÃO

Em uma retomada histórica sobre a adolescência é possível destacar a importância da pluralidade deste tema, o qual a sociedade contemporânea ocidental encara como um estágio de ciclo de vida. Este é um processo que se constrói historicamente e, por um longo tempo, a Psicologia persistiu em normatizar a inserção do adolescente e generalizar suas condições de vida. No entanto, existem estudos e pesquisas que abordam essa desmistificação e priorizam a adolescência como um processo sócio histórico, construído pela sociedade. Birman (2020), diante de uma leitura crítica, afirma que o tema sobre adolescência se transformou numa questão social e política de suma importância, que é em escala internacional debatido nas diversas agendas governamentais.

Diante disso, a fase da adolescência é estabelecida, segundo o art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990), pelo período que vai dos doze anos completos aos dezoito anos incompletos. A adolescência inicia-se com as características de transformações corporais da puberdade e termina com a inserção social, profissional e econômica na sociedade adulta. (COUTINHO, 2009). Assim, estudos sobre o ECA, ressaltam que é preciso considerar os adolescentes, para além das aparências, dos discursos ideológicos e das análises naturalizantes. Destaca-se que eles, primeiramente, são considerados pessoas, cidadãos com direitos a serem garantidos pelo Estado, pela Sociedade e pela Família.

Nesse sentido, parte-se de que famílias têm como natureza serem constituídas pelas marcas de seu tempo e sua cultura, ressaltando que, do ponto de vista geracional, as crianças, adolescentes e jovens têm sido mais escutados e considerados dentro das famílias hoje em dia, que são instituições flexíveis e que se reinventam diante do tempo. Tempo este marcado atualmente pela grave Pandemia do Novo Coronavírus, em que, no dia 03 de fevereiro de 2020, o Ministério da Saúde declarou a Covid-19 como uma emergência de saúde pública de importância nacional. Diante do enfrentamento deste vírus, que afeta a todos mundialmente, estima-se que são grandes as possibilidades de haver consequências para os laços sociais, pois as medidas de isolamento impactam a população de maneira marcante, sendo os adolescentes, especialmente, um dos mais vulneráveis ao adoecimento mental devido à importância dos pares e do convívio em grupos nesta faixa etária.

No entanto, a adolescência desde os seus primórdios é um tema que se constitui por apresentar constantes desafios que marcam a vivência deste momento na vida do sujeito. (BIRMAN, 2020). Assim, vê-se necessário discutir sobre os laços sociais dos adolescentes a partir de retratos de cenas vividas do atual momento histórico social brasileiro, ressaltando disposições para atuação em busca de uma Psicologia transformadora, que colabore para as possíveis construções com relação à temática proposta.

Nesse sentido, para o presente artigo optou-se pelo método de revisão bibliográfica, de caráter narrativo e qualitativo, os quais se constituem em análise e interpretação de literaturas já publicadas, com o objetivo de investigar, nos campos da Psicologia e da Psicanálise, autores e autoras que estudam e escrevem sobre a articulação dos temas da adolescência e do laço social. Além disso, atentou-se para o uso de referências tanto clássicas quanto atuais que discorrem para a ampliação de conhecimento acerca do tema.

Ainda vale destacar que por muito tempo a Psicologia contribuiu para construir saberes que universalizaram e naturalizaram formas de ser e viver dos adolescentes e propiciou a patologização por parte dos que não se encaixavam nos moldes estudados. Com isso, trazer um olhar crítico sobre a adolescência é um desafio necessário para romper com os paradigmas e propor caminhos alternativos que vislumbrem os processos de desenvolvimento do segmento adolescente a partir da sua realidade histórico social. (COUTINHO, 2009).

Os rumos explorados pelo presente artigo organizam-se pautando as possibilidades de diferentes laços sociais dos adolescentes sendo elas relevantes para o contexto atual e unindo as disposições subjetivas para uma proposição de representação mais ampla, diante do enfrentamento da Pandemia. Portanto, busca-se visibilizar as novas maneiras que a participação dos adolescentes pode ser operada nas relações, como possibilidade de transformação social e grupal.

2 A ADOLESCÊNCIA E SUA HISTORICIDADE

As concepções sobre a adolescência perpassam por diversas definições que se diferenciam diante de pontos de vista teóricos. Por conseguinte, estes olhares críticos acabam contribuindo para formar atualmente conceitos desse assunto. Com isso, sobre esses estudos, é possível perceber essa temática a partir de autores importantes que contribuíram de maneira profícua com teorias que versam a infância e adolescência, como historiador francês Ariès, que aborda perspectivas sobre questões da vida privada e do cotidiano. Assim, como afirmou Ariès (1981) em sua obra **História social da criança e da família**, as ideias de infância e de adolescência são extremamente contemporâneas, pois não existiam na Idade Média ou na Idade Clássica.

Diante disso, o panorama de saberes que vem sendo produzido a partir das concepções de adolescência perpassa por questões que refletem a historicidade da infância, que começou a ser indagada sutilmente por estudiosos e por artistas através de escritos e imagens, desde a Idade Média e segundo Heywood (2004), no século XII, era possível encontrar marcas de um investimento social e psicológico nas crianças. Já nos séculos XVI e XVII existia uma “[...] consciência de que as percepções de uma criança eram diferentes das dos adultos.” (HEYWOOD, 2004, p. 36-37). Ademais, de acordo com Ariès (1981), o surgimento da adolescência como uma fase diferente dos outros momentos da vida e com características peculiares, aconteceu após a introdução do sentimento de infância, no século XIX.

Desse modo, o assunto sobre a adolescência “[...] surge na cultura ocidental no contexto da consolidação do individualismo – cujo marco histórico fundamental é a Revolução Francesa – articulado à constituição dos limites entre as esferas pública e privada da vida social.” (COUTINHO, 2005, p. 17-18). Assim, o tema foi se constituindo

[CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 504-524, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483](#)

ao longo de décadas, apesar de “[...] o que hoje denominamos infância e adolescência, enquanto idades cronológicas, sempre existiram.” (FROTA, 2007, p. 155). Outro ponto importante ressaltado por Frota (2007) é a necessidade de buscar compreender os adolescentes a partir de sua historicidade e não se limitar por uma significação válida para todos os momentos históricos.

Nesse sentido, refere-se à adolescência como uma realidade historicamente construída a partir de uma dinâmica temporal e espacial das ações e experiências dos sujeitos durante “[...] o processo de socialização, incluído aqui fatores econômicos, sociais, educacionais políticos, culturais, etc.” (OZELLA, 2003, p. 23). Trata-se de compreender essa época da vida como algo constitutivo através de estudos, “[...] buscando superar a visão naturalizante e [...] destacando uma visão contextualizada, na Psicologia, para poder compreender as condições concretas da vida social que geraram a construção do fenômeno da adolescência.” (CONTINI; KOLLER; BARROS, 2002, p. 14). Para mais, o entendimento sobre a adolescência também atravessa às contribuições da Psicanálise, como a autora Coutinho (2009), que aborda a adolescência como um trabalho psíquico firmado ao sujeito a partir da puberdade na nossa cultura, ressaltando as questões psíquicas e sociais envolvidas.

Dessa maneira, segundo Birman (2020), esse tema, desde os seus primórdios, se constitui por apresentar concepções e desafios que marcam a vivência deste momento na vida do sujeito, ressaltando a importância da perspectiva de uma leitura crítica. É importante considerar este período como uma transição construída a partir da sua autenticidade e espontaneidade, de forma a desmistificar as concepções aistóricas dessa fase, contribuindo para as reflexões teóricas sobre a questão. Ademais, a adolescência é um processo que se faz historicamente e “[...] a psicologia convencional insiste em negligenciar a inserção histórica do jovem e suas condições objetivas de vida.” (OZELLA; AGUIAR, 2008, p. 123).

Para Calligaris (2000, p. 9), a adolescência é considerada uma das formações culturais mais poderosas desta época, “[...] é o prisma pelo qual os adultos olham os adolescentes e pelo qual os próprios adolescentes se contemplam.” Desde já, vale mencionar que até os doze anos as crianças se preparam, se integram na cultura e tornam-se corpos desejantes e desejáveis, em que amam, estudam, brigam, batalham e se transformam, e que suas forças são capazes de exercer trabalhos e começar a levá-los para as buscas de sucessos sociais. No entanto, lhes é comunicado que ainda

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 504-524, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483

não é o momento desta maturidade, afinal, agora iniciam-se na adolescência e a autonomia que lhes é “[...] reverenciada, idealizada por todos como valor supremo, é reprimida, é deixada para mais tarde.” (CALLIGARIS, 2000, p. 17). Assim,

[...] delinea a importância efetiva da problemática da adolescência na atualidade, por um lado, existe ainda outra ordem de questão que se impõe também hoje no que se tange o campo da adolescência, pelo outro, e que lhe confere igualmente a posição de ser uma problemática crucial na contemporaneidade. No que concerne a isso, é preciso destacar que se a *fronteira* existente entre a adolescência e a idade adulta era outrora bem traçada, não se pode dizer a mesma coisa sobre o que ocorre na atualidade. (BIRMAN, 2020, p. 234).

Além disso, Birman (2020) afirma que a adolescência também faz parte da leitura biológica e evolutiva das distintas idades da vida, sendo ela considerada parte da contemporaneidade. Logo, “[...] se a *infância* seria a primeira idade da vida, a essa se seguiria a *adolescência* e em seguida a *idade adulta*, que se desdobraria finalmente na velhice.” (BIRMAN, 2020, p. 236).

Desse modo, vale atentar-se sobre a adolescência como um processo culturalmente construído, em que “[...] o tempo para o adolescente é presente [...]” (SOUZA; BARROS, 2020, p. 250). Sendo assim, percebe-se formas da adolescência, em que as exigências sociais influenciam e reprimem diretamente os sujeitos a serem reconhecidos, independentes e responsáveis na medida que se instauram diante do tempo atual a “[...] aparente maturação dos corpos e ingressos na vida adulta.” (CALLIGARIS, 2000, p. 17). Todavia, é certo que existem padrões sucessíveis de maturação durante a adolescência, porém “[...] a idade cronológica não constitui um critério válido de maturação física.” (BLOS, 1998, p. 11).

Assim, se bem próxima e identificada com a *natureza*, a infância seria marcada pelo domínio indiscutível no ser do registro do instinto, de forma que a razão e a vontade não poderiam regular o registro instintivo, na adolescência, em contrapartida, os registros da razão e da vontade começariam a tentar se impor decididamente sobre os instintos, pois a experiência da adolescência estaria assim mais próxima dos imperativos da cultura e da sociedade. (BIRMAN, 2020, p. 237).

Nesse sentido, com a sociedade atual marcada por ritmos inconcebíveis do avanço tecnológico e científico, depara-se constantemente com o custo dessa aceleração que, segundo Melgaço (2020) é a hiperespecialização. “Estamos em via

de viver a tragédia dos saberes separados: quanto mais os separamos, tanto mais fácil submeter a ciência aos cálculos do poder [...].” (MELGAÇO, 2020, p. 10). Através disso, é possível conceber as formas de subjetivação dos estágios da adolescência sempre através de novas possibilidades de ser e existir em meio aos ideais contemporâneos.

2.1 A ADOLESCÊNCIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES

Com o propósito de retratar a condição da adolescência nos dias de hoje marcada pela experimentação, pelo risco, pela imprevisibilidade e pela errância, Birman (2020) avança seus estudos caracterizando o tempo da adolescência. Assim, diante de contornos atuais, potencializados pelo neoliberalismo nos tempos históricos da globalização, surgiram de forma inesperada dois tipos de “[...] *campos heterogêneos*, quais sejam a transformação do campo da idade adulta e os impasses crescente dos jovens que se inscrevem no mercado de trabalho, em decorrência a precariedade social e do desemprego.” (BIRMAN, 2020, p. 247).

Sobre isso, destaca-se que estar no mundo pós-moderno é da ordem da problemática do mal-estar na civilização, em que para estar alinhado com a cultura e as suas estruturas o sujeito precisa renunciar de coisas para sobreviver em sociedade, a qual muitas delas refletem “[...] as exigências de trabalho psíquico imposto pelo trabalho da cultura.” (KAES, 2003, p. 31). No entanto, nos campos da juventude hoje é possível perceber que muitos adolescentes marginalizados socialmente e marcados pela precariedade social precisam se inserir nos espaços sociais propriamente adultos para certamente se constituírem como sujeitos. “Assim, nessa extensão quase infinita da juventude, os jovens ficam marcados pela condição de *não-reconhecimento* nos registros social e simbólico, numa condição trágica que lhes reduz à única condição da *força* como forma de afirmação de si.” (BIRMAN, 2020, p. 248).

Outrossim, compreender a adolescência em meio aos ideais contemporâneos é um desafio que perpassa por ressaltar a dimensão social do sujeito, em que aponta para lugares que dizem respeito às operações identificatórias e aos ideais culturais presentes nos discursos dominantes e determinantes que o sujeito percorrerá. Desse modo, os adolescentes “[...] oscilam entre a condição de dependência infantil e a

busca por autonomia, tendo em vista que as suas bases narcísicas são afetadas pelas transformações corporais que o acometem.” (GOMES, 2020, p. 280).

Segundo Savietto e Cardoso (2006), as bases narcísicas caracterizam-se por serem uma construção importante da metapsicologia, que proporciona reflexões acerca da construção delas ao longo da vida do adolescente e da vivência destes que experienciam as transformações e as fragilidades. Além disso, nesta fase, as transições “[...] são vivenciadas como advindas do exterior, fazendo com que o adolescente sinta seu corpo como ‘estrangeiro’ [...].” (SAVIETTO; CARDOSO, 2006, p. 19). Sobretudo, as mudanças desta etapa possibilitam afirmar que “[...] as bases narcísicas do sujeito na adolescência se encontram estremecidas; trata-se de um momento em que o sentimento de continuidade da existência revela-se ameaçado [...].” (SAVIETTO; CARDOSO, 2006, p. 25).

A adolescência caracteriza-se sobretudo pelas mudanças físicas, mudanças que refletem em todas as facetas do comportamento. Não só é certo que os adolescentes de ambos os sexos são profundamente afetados pelas mudanças físicas que ocorrem em seus corpos - como também, num plano mais sutil e inconsciente, o processo de pubescência afeta o desenvolvimento de seus interesses, seu comportamento social e a qualidade de sua vida afetiva. Esses padrões não devem, é claro, ser considerados como resultados diretos de fatores fisiológicos, pois não se pode estabelecer nenhum paralelo direto entre modificações da adolescência que ocorrem simultaneamente no desenvolvimento anatômico, fisiológico, mental e emocional. (BLOS, 1998, p. 10-11).

Com isso, as mudanças enfrentadas pelos adolescentes perpassam por profundas agitações psíquicas associadas com suas subjetividades de encontro às exigências da sociedade ocidental contemporânea, que com frequência inibem a espontaneidade, a qual se move para atingir uma estabilidade do Eu e ordenamento das pulsões. (BLOS, 1998). Ademais, esses são processos muito marcados na vida dos sujeitos, pois, estão diretamente ligados aos aspectos da identidade. (ARPINI; QUINTANA, 2003).

Nesse sentido, a construção dos grupos sociais adolescentes é marcada por muitos aspectos que permeiam as identidades e as estruturas sociais. Os grupos adolescentes mostram características importantes que se apresentam como um “[...] lugar de passagem, de contestação, de simbolização da lei, e legitimação de experiências de liberdade.” (COUTINHO, 2005, p. 22). Com isso, destaca-se as possibilidades de configurações de identidades diversas e estão diretamente

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 504-524, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483

relacionadas com as mais variadas configurações da ordem social. “Dessa maneira, quando um adolescente é excluído do universo da escola, do trabalho, ele está, nesse momento, sendo incluído no espaço social da marginalidade e da delinquência.” (ARPINI; QUINTANA, 2003, p. 30). Ainda afirmam as autoras (2003) que, indubitavelmente, a maneira como a sociedade organiza as relações faz com que essas lógicas de estruturas sociais sejam uma difícil experiência vivenciada pelos adolescentes. Diante disso, é possível perceber que os adolescentes estão vulneráveis nos mais diferentes planos, e verifica-se isso principalmente diante dos “[...] apelos mercadológicos e às promessas idílicas da indústria cultural global na internet.” (GOMES, 2020, p. 280).

A fim de refletir sobre alguns desdobramentos atuais subjetivos da imersão dos adolescentes no mundo virtual, em que diante da Pandemia do Novo Coronavírus, é possível perceber novas transformações e pluralidades nesse contexto. Assim, salienta-se a importância das constituições identitárias dos adolescentes nesta realidade, as quais precisam ser sustentadas para melhor resposta “[...] sobre a função dos grupos na elaboração do laço social pelos adolescentes.” (COUTINHO, 2005, p. 22). Sobretudo, enfatiza-se o desamparo que se apresenta a partir de um grande mal-estar nos adolescentes diante do uso da internet, principalmente das redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *Tik Tok*. Com isso, a indiferença e fragilidade dos vínculos vêm à tona quando se fala em relações virtuais excessivas, em que há a intensificação do desamparo, a fragilização dos laços sociais e a maior vulnerabilidade ao trauma. (GOMES, 2020).

[...] os adolescentes contemporâneos estão marcados por um *desinvestimento avassalador*, que apesar de se configurar como uma tentativa de defesa frente à traumática situação de existência atual, se mostra ineficiente em tal tarefa protetora e deixa os indivíduos mais vulneráveis ao trauma, pois só a atividade de ligação seria capaz de garantir tal proteção. Os desdobramentos psíquicos do cenário atual, marcado pela indiferença e pela insuficiência (Ehrenberg, 2010), podem ser vistos nos estados narcísicos e depressivos, bem como no envolvimento com drogas, na paralisia, na apatia e na ausência de projetos dos jovens. (GOMES, 2020, p. 284).

Em face do exposto, as realidades vividas pelos adolescentes diante dos impasses específicos da Pandemia possibilitam que esses sujeitos se deparem com desafios a serem vividos que os brindam com a formação de laços sociais frágeis e transitórios. Este vírus invisível, invadiu o mundo de forma potencialmente letal e

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 504-524, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483

extremamente contagiosa, transformando o contexto social em distanciamento, higiene redobrada, máscaras e tempo isolado. (WUNSCH, 2020). Assim, para firmar a construção dos laços sociais, especialmente com seus pares, é evidente, com a necessidade do isolamento social e de interações virtuais, que inicia-se uma nova busca de um código de pertencimento em algum grupo, onde este, para o adolescente, “[...] é vivido como o que sanciona a desagregação da família e quebra a relação hierárquica entre gerações, visto que o adolescente encontra em seus coetâneos o reconhecimento que se esperava que pedisse aos adultos” (CALLIGARIS, 2000, p. 37).

Além do mais, para Calligaris (2000), ao fazer parte de um grupo, o adolescente é mais suscetível a desrespeitar as leis estabelecidas no mundo adulto. De certo, percebe-se que os grupos em diferentes culturas e contextos submetem a fase da adolescência a realizar fatos que se dão como ritos de passagem desta fase em busca de crescimento. Aliás, segundo Winnicott (1971) a procura deste crescimento não é apenas um enigma da tendência herdada, mas também uma questão complexa de entrelaçamento com o meio ambiente facilitante. Assim, vale notar que entre a sociedade “[...] a transgressão coletiva solidifica o grupo e garante reconhecimento recíproco no seu seio.” (CALLIGARIS, 2000, p. 38).

Entretanto, os estudos sobre a adolescência vêm de uma contingência em que o adolescente caminha na construção de sua subjetividade e “[...] se trata de um período da vida que é, essencialmente, o momento de uma descoberta pessoal, devendo ser vivido por cada um singularmente.” (COUTINHO, 2015, p. 160-161). Porém, é atravessado por constantes crises, produzindo reflexões que não podem ser simplesmente compreendidas como uma fase de transição. (FROTA, 2007). Nesse sentido, “[...] contrapondo-se à perspectiva moderna de infância e adolescência, a pós-modernidade aponta para uma nova concepção, que abre espaço para a multiplicidade e parcialidade de representações destas faixas desenvolvimentais.” (FROTA, 2007, p. 147). Por isso, “[...] ser adolescente hoje significa ter que enfrentar os impasses relativos ao laço social contemporâneo, diante da pulverização das referências identificatórias atrelada ao enfraquecimento dos grandes ideais.” (COUTINHO, 2005, p. 20).

Assim, na adolescência, em certa proporção, discute-se o tema considerado principal por Winnicott (1971) que é a imaturidade. Entretanto torna-se difícil uma

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 504-524, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483

compreensão a esse tema que necessita reflexões e respeito ao afirmar que o adolescente é imaturo, pois “[...] a imaturidade é um elemento essencial da saúde na adolescência.” (WINNICOTT, 1971, p. 198). Além do mais, ela é uma parte preciosa desta fase que contém aspectos da criatividade, de sentimentos novos e diferentes, assim como ideias de um novo viver. Destaca-se ainda, que quando em grupo o ser humano tem sua afetividade aumentada e o seu rendimento intelectual rebaixado, isso acontece devido a uma tendência de equidade quando se está com outros indivíduos do grupo. (LE BON, 1855 apud FREUD, 2020c). Produz-se assim, o desafio de o adolescente ser aceito dentro dos mais diversos aspectos e grupos sociais. (WINNICOTT, 1971, p. 199).

Nesse sentido, como afirma Winnicott (1971), o processo de crescimento do sujeito se dá diante de um meio ambiente que facilita e é suficientemente bom, sendo que cada indivíduo se desenvolve à sua maneira, não precisando dar conta de sua própria imaturidade ou quais são suas características. Assim, para esse desenvolvimento é importante que não haja pelos grupos sociais - principalmente os adultos - a busca do perfeito, palavra que não se configura nesse contexto, sendo que “[...] a perfeição própria das máquinas, e as imperfeições, características da adaptação humana à necessidade, constituem qualidade essencial do meio ambiente que facilita.” (WINNICOTT, 1971, p. 188).

Assim, a fase da adolescência pode ser encarada de diversas maneiras e construída partindo do ser como algo dinâmico, evidenciando reflexões acerca da reprodução de conceitos e ideias sobre a constituição psíquica e a construção dos laços sociais dos adolescentes na contemporaneidade. Vale ressaltar que como afirma Freud (2020c) no texto **Psicologia das massas e análise do Eu**, a identificação é primordial e ambivalente desde o início, em que nas relações ela pode se tornar desejo de ternura ou de eliminação. Por influência disso, na adolescência, esse mecanismo tem destinos importantes que possibilitam discussões e reflexões sobre a formação psíquica do sujeito diante das mais diversas relações sociais, sejam elas amorosas, familiares e grupais.

As interações grupais, vivências importantes durante a adolescência, podem ser buscadas na arte, na cultura e no esporte, tendo o papel crucial na promoção da saúde mental na vida dos adolescentes. (MILIAUSKAS; FAUS, 2020). Tem-se momentos de turbulência, de mudanças, podendo ser construtivas ou destrutivas, em [CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 504-524, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483](#)

que "[...] a sociedade de cultura está constantemente ameaçada de se desintegrar [...]." (FREUD, 2020b, p. 364). Assim, com a Pandemia do Novo Coronavírus, pode ser possível perceber novas transformações e pluralidades das constituições dos laços sociais nos adolescentes, em que "[...] é notável que os seres humanos, embora não possam existir no isolamento, sintam, não obstante, como gravemente opressivos os sacrifícios que a cultura deles espera para que a vida comum seja possível." (FREUD, 2020a, p. 234).

"Tempo que se teme, tempo que se estende. Tempo sem encontros marcados, sem corpos grudados, sem abraços enrolados, sem lábios molhados. Tempo isolado, tempo contido." (WUNSCH, 2020, p. 149). A Pandemia invadiu o tempo, o ar, os corpos, as emoções, a vida e com ela, o isolamento social se torna imperativo para toda a população, em que, ainda segundo Wunsch (2020), a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou que as pessoas ficassem em casa, mudando a rotina, os planos e a vida de todos.

Nesse sentido, as atividades que antes aconteciam a todo momento em grupos e ao ar livre, são ofertadas aos adolescentes de outras formas (principalmente pelas redes sociais virtuais), sob telas de celulares e computadores, com tempos cronometrados e corpos distantes. A maioria dos adolescentes se veem parados no tempo, o qual não os deixou que vivessem as transformações desta fase, ancorados nas relações sociais presenciais, nas trocas de afetos e na experimentação dessas vivências. Precisam se manter em isolamento social.

Com isso, em tempos de quarentena, a psicanálise atua majoritariamente com os atendimentos on-line, em que "[...] os pacientes falam do seu tempo, seu tempo inconsciente." (WUNSCH, 2020, p. 149). Ante o exposto, os/as analistas deparam-se na escuta clínica com diversos desafios e perspectivas dos laços sociais do adolescente frente aos enfrentamentos do isolamento imposto para todos os sujeitos. Nessa situação, em concordância com os escritos de Winnicott (1983), a adolescência por si só pode ser um período tempestuoso e com a Pandemia, é possível perceber a possibilidade de construções de novos modos dessas interações grupais, em que o adolescente "[...] é convocado a apropriar-se ativamente do laço social, por diversos domínios do saber na contemporaneidade." (COUTINHO, 2009, p. 74).

2.2 ADOLESCÊNCIA E O LAÇO SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE

Diante do exposto é possível afirmar que os vínculos sociais dos adolescentes apresentam diferentes meios de acordo com as especificidades da globalização e enfrentamentos da sociedade atual. Nesse sentido, diante da contemporaneidade, em que as relações se baseiam no tempo e no espaço pandêmico, há cada vez mais queixas sobre os laços sociais serem frágeis e fluidos, destacando a adolescência e o seu “[...] tempo sobre os sonhos, os desejos, o amor, e sim, o medo da morte. Sobre o ímpeto do amor e o medo de ser contaminado.” (WUNSCH, 2020, p. 149).

Assim, a Pandemia restringiu a juventude de passar esse tempo da vida sobre o acaso, a transitoriedade e as possibilidades de existir. Os adolescentes relatam amizades rompidas, datas não comemoradas, estranhezas nos laços sociais entre os grupos e medos constantes de serem tomados pelo vírus e até pela tão temida morte. “O medo da morte acontece quando a coisa se passa com a morte de outra pessoa, diante da morte de pessoas amadas e, [...] diante de um número determinado de mortes simultâneas, somos tomados por algo extremamente terrível.” (WUNSCH, 2020, p. 148).

Nesse sentido, a catástrofe da Covid-19 atingiu a vida de todos e os adolescentes sofrem impactos significativos diante de mudanças tanto físicas quanto emocionais neste momento. Dentre elas, os meios de interação passam a ser praticamente todos de maneira on-line, em que as redes sociais são também ferramentas de educação e comércio, tornando-se maiores as possibilidades de comunicações. Logo, observações sobre o comportamento de massa na população são constantemente estudados e proporcionam uma grande análise da sociedade que enfrenta problemas tão preocupantes durante o isolamento social.

Diante disso, é possível correlacionar os comportamentos atuais aos estudos de Freud (2020c), em que ele afirmava que o indivíduo se dissolve na massa quando há a supremacia da fantasia e da ilusão. Assim, com essa dissolução não há lógica nos argumentos e repete-se sempre a mesma coisa, causando questionamentos sobre a subjetividade humana e sobre os laços sociais. “A massa é extraordinariamente influenciável e crédula; é acrítica, o improvável não existe para ela.” (LE BON, 1855 apud FREUD, 2020c, p. 146). Perante o exposto, é possível perceber através de reflexões e discussões, a relação específica do comportamento de massa da adolescência e os seus laços sociais on-line, em que os adolescentes,

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 504-524, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483

muitas vezes seguindo sentimentos exagerados por conta dos vínculos, agem de maneira impulsiva na cultura, que mundialmente vive com sofrimento perante o enfrentamento contra a Pandemia.

Aliás, os paradigmas da cultura em tempos de pós-modernidade são caracterizados por apresentarem desafios e diversas possibilidades de produção com o propósito de os seres humanos existirem e atuarem no mundo. Sobre essa perspectiva, salienta-se que os adolescentes se destacam pela condição de fazerem parte da natureza e serem seres extremamente sociais. Assim, é evidente a busca deles por maneiras de produção e inovação nos meios de sobrevivência, sendo eles a aposta para uma das grandes “[...] matrizes geradoras de todas as relações humanas estabelecidas e, conseqüentemente, da produção da cultura e do conhecimento.” (CONTINI; KOLLER; BARROS, 2002, p. 14).

No que diz respeito as especificidades do conceito de laço social dos adolescentes podem-se partir os estudos diante das discussões do Seminário 17 de Lacan (1992), **O avesso da psicanálise**, em que ele discorre, segundo Coelho (2006), instaurando novas perspectivas de pensar as estruturas clínicas e o vínculo social ao articular os campos da linguagem⁴ e do gozo⁵, o Sujeito⁶ e o saber inconsciente⁷. Nesse contexto, Lacan (1992) propõe os quatro discursos como sendo modos de uso da linguagem como vínculo social, pois é na estrutura significante que o discurso se funda.

Ademais, dentre as contribuições de Lacan (1992), é possível destacar a presença da linguagem e do simbólico, marcado pelo acompanhamento do Outro primordial no “[...] processo de constituição da subjetividade humana. Isso permite reafirmar que as variações históricas e culturais, no modo de conceber a adolescência, têm incidência na própria experiência do adolescente na passagem da infância à idade adulta.” (COUTINHO, 2015, p. 162).

⁴ A teoria lacaniana discorre sobre a importância da linguagem nos mecanismos do inconsciente como uma função de representação e não de apresentação. (KAUFMANN, 1996).

⁵ O lugar do gozo abrange o prazer e o desprazer, é onde caberia à pulsão reparar no sujeito a sua perda de ser. (KAUFMANN, 1996).

⁶ O Sujeito não cessa de ser atuado pelos conteúdos de seu inconsciente e, em busca constante de manter contato direto com o seu desejo, o sujeito emerge a questão do sentido da formação do sintoma. (KAUFMANN, 1996).

⁷ O saber inconsciente se destaca quando um sujeito não consegue se lembrar de algo recalcado e age sem saber o que está retornando então na forma de ação. (KAUFMANN, 1996).

Nesse sentido, em conformidade com Castro (2009), Lacan (1992) propõe reflexões às singulares formas de fazer laço social, trazendo efeitos para a cultura e os seus diversos grupos. A escrita da teoria Lacaniana dos discursos acontece em forma algébrica, cuja finalidade principal consistiu em simplificar e resolver, por meio de fórmulas, problemas nos quais as grandezas são representadas por símbolos e isso ajuda a estruturar a clínica psicanalítica no mundo contemporâneo pelo que se segue.

Com isso, “[...] os laços sociais são desenvolvidos e organizados pela linguagem e, portanto, denominados discursos.” (COELHO, 2006, p. 108). Assim, sobre os quatro discursos têm-se o discurso psicanalítico, o discurso do mestre, o discurso da histérica e o discurso do universitário. Ainda vale destacar o “[...] objeto *a*, no verdadeiro sentido lacaniano do termo, isto é, um objeto inapreensível, mas cuja busca orienta todos os nossos dizeres.” (NOMINÈ, 2020, p. 114). À vista disso, Lacan (1992) lança mão de quatro letras:

[...] *a*: o objeto *a*, mais-gozar, condensador de gozo e causa-do-desejo; *§*: o sujeito barrado pelo significante; *S1*: o significante-mestre, o sê-lo, o significante pelo qual os outros significantes são ordenados; *S2*: o saber constituído enquanto cadeia significante. (CASTRO, 2009, p. 249).

Lacan (1992) ao longo de sua escrita do Seminário 17, implica algumas representações e faz uso de setas (→) e barras para orientar e ligar os sentidos dos quatro lugares denominados como discursos, as quatro formas possíveis de vínculo social entre os sujeitos, ele representa de forma algébrica da forma a seguir:

$$\text{Discurso do mestre: } \frac{S1 \rightarrow S2}{\$ \quad a}$$

$$\text{Discurso do universitário: } \frac{S2 \rightarrow a}{S1 \quad \$}$$

$$\text{Discurso da histérica: } \frac{\$ \rightarrow S1}{a \quad S2}$$

$$\text{Discurso do analista: } \frac{a \rightarrow \$}{S2 \quad S1}$$

(LACAN, 1992, p. 29).

Segundo Coelho (2006), os discursos se especificam e se diferenciam pela distribuição espacial e o que age é aquilo que ordena e regula um vínculo social entre

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 504-524, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483

os sujeitos. Assim, o que interessa aos estudos psicanalíticos é o sujeito barrado (\$), que é o sujeito do inconsciente, aquele não tem qualidades e é vazio, podendo sempre vir a ser. Assim, “[...] esse sujeito emerge da relação significativa, pois um significante representa o sujeito junto a outro significante” (COELHO, 2006, p. 109). Nesse sentido, através dessa afirmação é possível relacionar àquele que representa o discurso do mestre em que o significante mestre (S1) age sobre o saber (S2) que produz ou perde algo. No entanto, o mestre, aquele que detém o poder, não consegue chegar à verdade, ao sujeito do inconsciente, o que faz com que o mestre seja “[...] em seu fundamento, totalmente cego.” (LACAN, 1992, p. 101).

Diante disso, vale ressaltar que as relações sociais adolescentes atualmente, acontecem por sua maioria através do relacionamento virtual, em que as redes sociais amparam laços de amizades e vínculos que ajudam nesta fase tão importante da vida. Sites de relacionamento, de jogos, de conversas e outras interações fazem parte do cotidiano deles, que estão sempre em busca de referências para continuar existindo em um contexto tão conturbado como o enfrentado. Assim, percebe-se que as referências de ser e existir do Outro, para os adolescentes, são muito importantes nesta fase da vida, pois contribuem para a constituição do Eu. Dessa forma, é viável relacionar essas identificações à teoria do discurso do mestre, discutida a partir de Lacan, em que o mestre se faz muito presente na fase da adolescência no sentido de deter o poder e proporcionar possíveis orientações para os adolescentes.

Quais são as três grandes referências ao Outro na adolescência? O Outro da metáfora paterna, o Outro da cultura e o Outro sexo [...] O adolescente é esse sujeito que escolhe sustentado na alienação ao Outro mas inscrevendo, na relação com o Outro, a vertente da separação. O trabalho da adolescência se inscreve na elaboração desse binômio alienação e separação. Atravessá-la é também suportar o fato humano de que somos todos alienados e, ao mesmo tempo, poder tirar consequências absolutamente singulares dessa mesma alienação – e se servir dela! (ALBERTI, 2004, p. 64-65).

À vista disso, o papel do significante mestre (S1) é importante para compor os laços sociais adolescentes, principalmente diante dos novos formatos de interação em consequência do isolamento social e quarentena. Com as escolas fechadas os modelos de aulas on-line invadiram o sistema de educação e impuseram que professores e alunos se ajustassem às condições ofertadas. Afirma-se a suma relevância do papel dos professores e demais educadores nos moldes de aulas on-

line, que diante da imagem de autoridade e comprometimento, desenvolveram grandes trabalhos na educação a distância, que contribuíram para o aprendizado de diversos alunos.

Além disso, destaca-se o papel dos pais ou responsáveis na vida dos adolescentes, que muitas vezes agem sobre o saber buscando, através de uma idealização, contribuir para o desenvolvimento de interesses, comportamento social e a qualidade de vida afetiva dos jovens. No entanto, segundo Pires (2003), a insatisfação com o pai idealizado promove um desligamento do mesmo e uma busca incessante do sujeito na relação com os outros. Com base nisso, o sujeito realiza um movimento no laço social, se tornando agente de seu próprio discurso.

Por fim, sobressai-se o papel das redes sociais na constituição dos laços diante da pluralidade dos adolescentes, que se funda sobre uma grande atuação de autoridade, proporcionando os desejos, muito presentes na adolescência, de olharem e serem olhados principalmente diante do isolamento social, em que postagens on-line de fotos, textos e comentários captam prazeres associados com pulsões parciais, sendo explorados pela indústria do entretenimento. Assim, ao se exporem nas redes sociais, os adolescentes intensificam as grandes identificações pela representação virtual, fato que é reforçado pela sociedade, o que corrobora o sentimento de pertencer ao grupo cibernético e estabelecer laços. (GOMES, 2020).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo foi levantado um estudo, a partir de uma revisão bibliográfica, sobre os laços sociais dos adolescentes no cenário atual como uma possibilidade de transformação, entendendo a grave Pandemia como um campo amplo de diversas mudanças. Diante das multiplicidades de existência de laços sociais e seus atravessamentos enquanto um segmento significativamente atingido pelas diversas problemáticas atuais do país como desigualdade social, saúde, educação, política, violência e exclusão, é de suma relevância direcionar esforços sistematizados para os adolescentes. Essa atenção inclui pesquisas científicas, estudos e ações que proponham a participação dos diferentes públicos da adolescência e contribuam para conhecimentos que se aproximem das multiplicidades de existências desta temática.

Com isso, evidencia-se a importância de estudar sobre o tema da adolescência e seus conceitos desde os seus primórdios até a atualidade para buscar entender o contexto vivido nos dias de hoje, alcançando reflexões que contribuam para uma melhor atuação de profissionais da Psicologia. Outrossim, percebe-se no que diz respeito aos conhecimentos direcionados à teoria adolescente, que existe um extremo vínculo com a constituição dos laços sociais que se fundam cada vez mais com relação à perspectiva cibernética presente na sociedade contemporânea.

Além disso, conteúdos sobre o tema contribuem de forma teórica e crítica sobre as novas perspectivas da constituição dos laços sociais dos adolescentes, a fim de proporcionar melhores condições de qualidade de vida e crescimento para os sujeitos. Assim, é possível obter algumas análises das modificações dos laços que permitem reflexões acerca da reprodução de conceitos e ideias sobre a constituição psíquica subjetiva dos adolescentes, frente a realidade pandêmica.

Nesse sentido, a partir de construções amparadas na capacidade crítica subjetiva, percebe-se caminhos e conteúdos que contribuem qualitativamente aos estudos, focando na emancipação, expansão e transformação dos sujeitos. Destaca-se ainda que viver em sociedade implica em abdições e adiamentos, que acarretam perda de satisfação e delimitam a ânsia humana por felicidade. Sendo assim, diante de um contexto pandêmico tão conturbado, inexplicavelmente triste e instável vivido em escala mundial, vê-se diversas ideias sobre a adolescência e os seus laços sociais, com a perspectiva de mudanças, em que se cria e se articula combinações com outros atores sociais para a busca da superação de desafios, contribuindo para novas expectativas de ser e existir em meio aos ideais vigentes, além de motivar a esperança de transformação social.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. **O Adolescente e o outro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARPINI, D. M; QUINTANA, A. M. Identidade, família e relações sociais em adolescentes de grupos populares. **Rev. Estudos de Psicologia**, PUC-Campinas, v. 20, n. 1, jan/abr. 2003. p. 27-36. Disponível em:

www.scielo.br/j/estpsi/a/mLKN6qq8cPNXKgSDy59ZfVt/?format=html Acesso em: 15 ago. 2021.

BIRMAN, J. Leitura Genealógica da adolescência. *In*: JERUSALINSKY, Alfredo; BENTATA, Hervé (Orgs). **Dos primórdios à adolescência: desafios e perspectivas**. São Paulo: Instituto Langage, 2020. p. 234-248.

BLOS, P. **Adolescência: uma interpretação psicanalítica**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília-DF, 16 jul. 1990. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266 Acesso em: 03 abr. 2021.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000. (Folha explica).

CASTRO, J. E. Considerações sobre a escrita lacaniana dos discursos. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, dez. 2009. p. 245-258. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982009000200006&lng=en&nrm=iso Acesso em: 26 mar. 2021.

CONTINI, M. L. J; KOLLER, S. H; BARROS, M. N. S. **Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro. Conselho Federal de Psicologia, 2002.

COUTINHO, L. G. A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social? **Pulsional Revista de Psicanálise**. Ano XVII, v.18, mar. 2005. p. 16-23. Disponível em: btux.com.br/professorbruno/wp-content/uploads/sites/10/2018/07/Adolescência-na-contemporaneidade.pdf Acesso em: 22 ago. 2021.

COUTINHO, L. G. **Adolescência e errância: destinos do laço social no contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nau: FAPERJ, 2009.

COUTINHO, L. G. O adolescente e a educação no contemporâneo: o que a psicanálise tem a dizer. **Cad. Psicanál.** Rio de Janeiro, v. 37, n. 33, jul./dez. 2015. p. 155-174. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952015000200008&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 23 ago. 2021.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão. *In*: FREUD, Sigmund. **Cultura, Sociedade, Religião: O Mal-Estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020a. p. 233-298.

FREUD, S. O mal-estar na cultura. *In*: FREUD, Sigmund. **Cultura, Sociedade, Religião: O Mal-Estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b. p. 305-410.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. *In*: FREUD, Sigmund. **Cultura, Sociedade, Religião: O Mal-Estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020c. p. 137-232.

FROTA, A. M. M. C. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. v. 7, n. 1, UERJ, Rio de Janeiro, abr. 2007. p. 147-160.

GOMES, V. R. R. Adolescentes na contemporaneidade: desdobramentos subjetivos da imersão no virtual. *In*: JERUSALINSKY, Alfredo; BENTATA, Hervé (Orgs). **Dos primórdios à adolescência: desafios e perspectivas**. São Paulo: Instituto Langage, 2020. p. 279-286.

HEYWOOD, C. **Uma História da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KAES, R. O Intermediário na Abordagem Psicanalítica da Cultura. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 14, n. 3, 2003. p. 15-34. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-656420030003000003&lng=en&nrm=iso Acesso em: 21 maio 2021.

KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LACAN, J. **O seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

MELGAÇO, R. G. Apresentação. *In*: JERUSALINSKY, Alfredo; BENTATA, Hervé (Orgs). **Dos primórdios à adolescência: desafios e perspectivas**. São Paulo: Instituto Langage, 2020. p. 09-10.

MILIAUSKAS, C. R; FAUS, D. P. Saúde mental de adolescentes em tempos de Covid-19: desafios e possibilidades de enfrentamento. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 4, 2020. p. 300-402. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312020000400301&lng=en&nrm=iso Acesso em: 05 abr. 2021.

NOMINÉ, B. O tempo da transferência. *In*: Fórum do Campo Lacaniano - MS. **Psicanálise e Pandemia**. São Paulo: Aller, 2020. p. 113-130.

OZELLA, S. **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003.

OZELLA, S; AGUIAR, W. M. J. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 38, n. 133, abr. 2008. p. 97-125. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742008000100005&lng=es&nrm=iso Acesso em: 01 abr. 2021.

PIRES, V. H. B. L. **O declínio da função paterna no laço social do adolescente: uma questão sobre a violência**. Dissertação (Mestrado em Psicologia, área de **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 504-524, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483**

concentração: Psicanálise) -Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2003.

SAVIETTO, B. B; CARDOSO, M. R. Adolescência: ato e atualidade. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza. v. VI, n. 1, mar. 2006. p. 15-43. Disponível em: periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1538/3489 Acesso em: 01 set. 2021.

SOUZA, F. J. N; BARROS, R. S. M. Um espaço de afetos e singularidades: práticas educacionais atravessadas pela psicanálise e psiquiátrica educativa para minimizar sofrimento psíquico em adolescentes. *In*: JERUSALINSKY, Alfredo; BENTATA, Hervé (Orgs). **Dos primórdios à adolescência: desafios e perspectivas**. São Paulo: Instituto Langage, 2020. p. 250-259.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOT, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1971.

WUNSCH, C. Juventude do desejo e a pandemia. *In*: Fórum do Campo Lacaniano - MS. **Psicanálise e Pandemia**. São Paulo: Aller, 2020. p. 147-151.